

Ler é Saber

2009 nº 1 - ANO VII



SINOVALDO

O QUEBRA

Cristiano Rosa



OLÁ, AMIGOS!

A primeira edição de 2009 do Ler é Saber orgulhosamente apresenta...

...Histórias Extraordinárias!

Estrelando: Bicho Papão, Cuca, ETs, Vampiros, Bruxas, Múmias, Fantasmas, Assombrações.

Advertência: Qualquer semelhança com histórias contadas por seus avós, pais e professores não é mera coincidência.

Efeitos colaterais: Vontade de ler cada vez mais. Necessidade de dormir com a luz acesa.

Convidado especial: O Medo. Nesse caso, é bem-vindo. Quem não o sente? O melhor de tudo é saber que temos coragem suficiente para enfrentá-lo.

Boa sorte!
Boa leitura!

Os raios cortavam os céus. Era uma noite chuvosa de tempestade e o pequeno Isaac não tinha nada para fazer. Não gostava de assistir TV e nem de ouvir músicas a essas horas. Também nem poderia, já que seu quarto era logo ao lado do de seus pais. Deitou-se em sua cama, procurando alguma ocupação, rolando-se pra lá e pra cá, cada vez mais agoniado pelos clarões que atravessavam sua janela, logo acima de sua cabeceira. Por sorte, adorava jogos. Tinha muitos e variados. Pegou um dos últimos quebra-cabeças que havia ganhado de aniversário e

colocou em cima de sua cama. Espalhou bem as peças, deixando um espaço para a montagem, bem no cantinho. Como Isaac tinha o costume de montar quebra-cabeças desde muito pequeno, para ele nada era difícil, e, em questão de minutos, faltavam apenas quatro peças. Para a sua surpresa, já era possível visualizar a imagem que se formava no quebra-cabeças. Era uma imagem conhecida, a dele próprio sentado em sua cama montando seu jogo. Com as mãos agora trêmulas, colocou nos lugares corretos as últimas peças e viu, horrorizado, na imagem, o rosto de uma

criatura em sua janela. A última coisa que ouviu foi o som do vidro se quebrando.



Ano VII
2009

Ler é Saber

Projeto do Grupo Editorial Sinos, FEEVALE e FACCAT em parceria com as Secretarias Municipais de Educação, Escolas Estaduais, Particulares e Comunitárias, destinado a incentivar o gosto pela leitura.

Coordenação e Contatos:

Daiana C. de Castilhos (Faccat) ☎ (51)3541.6600
Ramal 663 ✉ daianacampani@faccat.br
Daniel Conte (Feevale) ☎ (51)3586.8800
Ramal 8685 ✉ danielconte@feevale.br
Liane Müller (Faccat) ☎ (51)3541.6600
Ramal 663 ✉ lianemuller@faccat.br
Marinês Kunz (Feevale): ☎ 3586.8800
R.8650 ✉ marinesak@feevale.br
Marlene Ressler (Faccat) ☎ (51)3541-6600
Ramal 629 ✉ marlene@faccat.br
Miguel H. Schmitz (Grupo Sinos) ☎ (51)3594.0489
✉ miguels@gruposinos.com.br



ILUSTRAÇÕES: MÁRIO JUNGES - SINOVALDO
PROJETO GRÁFICO E EDITORAÇÃO EMERSON BAPTISTA

TIRAGEM: 126 MIL EXEMPLARES



O BURACO DO DIABO

Ao anoitecer, os primeiros colonizadores de Ivoti avistaram um vulto atemorizador por entre as matas. Não demorou para concluírem que estavam vivendo com o demônio. A crença durou alguns anos, até que um imigrante descobriu o mistério: a enorme sombra era um tamanduá. O episódio aconteceu lá por 1828, mas até hoje a localidade de Feitoria Nova, no interior do município, é conhecida como Buraco do Diabo.



A LOIRA DO BANHEIRO

Essa lenda é muito conhecida. Todos já devem ter ouvido falar nela nos corredores da escola. Existem muitas versões. A mais comum fala sobre uma menina loira muito bonita que vivia matando aula na escola, ficando dentro do banheiro, fumando, fazendo hora, enfim. Um dia, durante essas escapadas, ela morreu e, desde então, os banheiros femininos de escolas são assombrados pelo espírito de uma loira que aparece quando se entra sozinho. Dizem que, puxando a descarga três vezes, ela aparece.



O ET DE VARGINHA

Em uma noite de junho de 1996, um casal que morava a 10 quilômetros de Varginha, em Minas Gerais, disse ter visto um Objeto Voador Não Identificado (OVNI) esfumaçado sobrevoando o pasto. No dia seguinte, três garotas garantem ter visto um ET agachado junto a um muro. Segundo elas, o alienígena tinha pele marrom, veias saltadas, olhos enormes vermelhos e crânio grande, com três protuberâncias. Os ufólogos da cidade afirmam que o ser espacial teria sido capturado pelas



A noiva da Lagoa dos Barros

A Lagoa dos Barros, em Osório, é rica em histórias e lendas contadas por moradores da região, que se mantêm vivas até hoje graças ao imaginário popular. A Lenda da Noiva é a mais difundida e macabra e teria nascido de um famoso assassinato de 1940, quando o noivo de uma jovem matou-a e jogou seu corpo na lagoa. Moradores e pescadores dizem que já encontraram uma mulher de branco à noite perto da lagoa.



OS HOMENS VERDES

— Mas o maior problema, doutor, são os homenzinhos verdes que me infernizam a vida! — o homem exclamou, como se finalmente conseguisse dizer o que o incomodava, já ao final desta primeira consulta ao psicólogo.

— Que homenzinhos verdes? E o que eles fazem? — perguntou o doutor, sabendo que o assunto só poderia ser convenientemente tratado na próxima consulta: a hora do novo paciente chegava agora ao final.

— Estes homenzinhos que estão sempre ao meu redor, incomodando — e ele apontou, temeroso, um canto da mesa do psicólogo. — Ali, vê? Ali estão eles, parados, sentados na sua escrivaninha, rindo para mim, me desafiando.

O psicólogo olhou o canto indicado e lá só havia papéis intocados e a pesada estátua de Sigmund Freud — nem sinal de homenzinhos verdes.

— Mas o que eles fazem? — ele repetiu a pergunta.

— São maus, perversos — respondeu o paciente. — Só fazem coisas ruins.

— Mas o que é que já lhe fizeram, por exemplo?

— Para mim, nada, porque eu estou sempre me cuidando. Sempre prestando atenção às maldades deles. Mas, para as pessoas com quem ando, já fizeram muita coisa ruim. Mas para mim, não. Eu me cuido — repetiu o homem, como se quisesse convencer-se.

— Certo, certo — respondeu o psicólogo. — Mas, nós vamos tratar melhor disso na próxima consulta. Hoje, infelizmente, estamos com o tempo encerrado.

O paciente levantou-se, um pouco assustado, e buscou novamente o canto da escrivaninha. Depois saiu, despedindo-se com alguma desconfiança.

Sozinho no consultório, o psicólogo pôs-se a lavar as mãos, hábito antigo entre uma consulta e outra, enquanto pensava no que o outro lhe havia dito ainda há pouco: mais um caso de delírio. Mas não parecia dos mais sérios, considerou, ao tempo em que passava uma água no rosto.

Enquanto isso, a um canto da escrivaninha, quatro homenzinhos verdes agarravam a pesada estátua de bronze. O quinto, que parecia um chefe, já olhava fixamente para a nuca indefesa do psicólogo.

Henrique Schneider



Millôr Fernandes

O Socorro

(Millôr Fernandes, Fábulas Fabulosas).



Ele foi cavando, cavando, cavando, pois sua profissão — coveiro — era cavar. Mas, de repente, na distração do ofício que amava, percebeu que cavara demais. Tentou sair da cova e não conseguiu. Levantou o olhar para cima e viu que, sozinho, não conseguiria sair. Gritou. Ninguém atendeu. Gritou mais forte. Ninguém veio. Enrouqueceu de gritar, cansou de esbravejar, desistiu com a noite. Sentou-se no fundo da cova, desesperado. A noite chegou, subiu, fez-se o silêncio das horas tardias. Bateu o frio de madrugada e, na noite escura, não se ouvia um som humano, embora o cemitério estivesse cheio de pipilos e coachares naturais dos matos. Só pouco depois da meia-noite é que lá vieram uns passos. Deitado no fundo da cova, o coveiro gritou. Os passos se aproximaram. Uma cabeça ébria apareceu lá em cima, perguntou o que havia: “O que é que há?”

O coveiro então gritou desesperado: “Tire-me daqui, por favor. Estou com um frio terrível!” “Mas, coitado!” — condoeu-se o bêbado — “Tem toda razão de estar com frio. Alguém tirou a terra de cima de você, meu pobre mortinho!” E, pegando uma pá, encheu-a de terra e pôs-se a cobri-lo cuidadosamente.

Moral: Nos momentos graves, é preciso verificar muito bem para quem se apela.

PERDIDO

Fernando Ferric

Carlos estava caminhando entre os túmulos, olhava lápide por lápide. Era um dia cinzento e frio. Ele admirava a beleza daquele cemitério, o silêncio, o aroma das flores, a arte dos túmulos perfilados. Poderia permanecer horas naquele local. Sentia uma paz absoluta, que só foi quebrada quando um velhinho estabonado se aproximou por trás dele.

— Meu filho... meu filho... Por favor, me ajude!

O coração de Carlos quase saltou pela boca. Virou assustado e avistou aquele senhor magro, grisalho, com um rosto sofrido, já marcado pelo tempo. Seu susto e sua raiva se transformaram em dó, em vontade de ajudar o frágil senhor.

— O que o senhor deseja?

— Meu filho... Estou perdido! — respondeu o senhor retirando do casaco um “cartão azul”.— Já não consigo enxergar essas letras tão pequenas e preciso encontrar esse local.

Carlos pegou o “cartão azul”, era do próprio cemitério, indicava o lote e a quadra da pessoa falecida. Lembrou-se de que já havia visto um cartão assim em algum lugar. Carlos ficou sensibilizado com o velhinho e resolveu ajudá-lo.

— Tudo bem, vamos encontrar a quadra, e depois fica fácil, pois não estamos muito longe.

— Muito obrigado, meu filho! Mas não vou te atrapalhar? — perguntou o velhinho.

— Claro que não! Trabalho algum.

Os dois seguiram para a tal quadra. Enquanto andavam, conversavam sobre vários assuntos. O velhinho andava lentamente, e Carlos fazia o possível para não deixá-lo para trás.

— Que bom que você está me ajudando, meu filho! Eu estou procurando essa quadra há um tempão, e pior é que estou atrasado

— disse o velhinho.

— Atrasado? — perguntou Carlos.

— Sim, meu filho! Estou atrasado para o enterro. Já estão todos lá, só que não consigo encontrá-los — resmungou o velhinho olhando para o papel.

Foi nesse momento que Carlos avistou algumas pessoas reunidas chorando em volta de um caixão.

— Olha! Acho que encontramos o lote que o senhor procurava. Está acontecendo um enterro —

disse Carlos, apontando para o grupo de pessoas. O velhinho parou, ficou observando alguns segundos e disse:

— É, são eles mesmos. Minha família! Chegamos bem na hora!

— O senhor está se sentindo bem? — perguntou Carlos, à medida que se aproximavam do enterro. O velhinho, então, parou e, colocando a mão no ombro de Carlos, falou:

— Sim, meu filho, eu estou bem! Muito obrigado pela ajuda. Ela foi de extrema valia para mim, pois eu não poderia chegar atrasado nesse enterro. Não poderia deixar de estar aqui, de me despedir de todos.

— Como assim de todos?

— Da minha família, hoje é meu enterro. É hora da minha despedida. Muito obrigado, moço.



Dizendo isso, o velho saiu caminhando vagorosamente por entre as pessoas e entrou no caixão, desaparecendo por completo.

Carlos ficou apavorado! Não podia acreditar que até aquele momento estava falando e ajudando um morto. Saiu correndo em disparada e nem ao menos olhou para trás. Enquanto corria, jurava para si mesmo que nunca mais ia voltar a um cemitério para... Carlos parou. Sua respiração ficou mais forte, estava ofegante. Ele não conseguia lembrar o que estava fazendo ali. Qual seria o motivo de estar naquele cemitério? Só se lembrava de que, antes de o velho aparecer, ele estava olhando túmulo por túmulo, como se também procurasse por alguma coisa. Sentiu-se estranho, um ar gelado percorreu seu corpo por inteiro, estava tudo muito estranho. Nesse momento, Carlos percebeu que havia algo em seu bolso. Levou a mão e retirou dele um “cartão azul”.

PARA SEMPRE

Henrique Schneider



Estranho.

Eduardo saiu de casa no mesmo horário de sempre e viu o caminho diferente. As casas, os prédios, a banca de revistas, tudo estava lá, como sempre. Mas não se enxergava ninguém.

Onde estaria todo mundo àquela hora, intrigou-se, enquanto — mesmo assim — avançava seu caminho em direção ao escritório. Nenhuma pessoa na rua, nenhum automóvel atravancando o seu trajeto apressado e nervoso, nenhum cachorro que fosse: a cidade estava deserta.

O que será isso, ele pensou, preocupado: era um silêncio, solidão que agoniava.

No prédio do escritório, o porteiro não estava, e o

elevador em que subiu ao oitavo andar estava tristemente vazio. Qual o acidente que havia acontecido, qual a praga? — e a agonia aumentando. Amedrontando. Chegasse no trabalho e encontraria alguém a esclarecer tudo aquilo, a tranquilizá-lo — mas não havia ninguém. Nem dona Risoleta, tão pontual que parecia haver nascido dentro do escritório. Nem ela. Ninguém! Apavorou-se. O que é que está acontecendo nesta cidade?

Ligou o rádio, mãos trêmulas, para ver se encontrava ali alguma explicação. Mas o aparelho devolveu a Eduardo apenas o chiado constante das estações fora do ar. Meu Deus, que tragédia é esta que me deixou de fora? Soltou um grito de terror apenas porque já sabia

que não havia ninguém a ouvi-lo e postou-se em frente à janela: lá embaixo, a cidade era uma fotografia adormecida.

Pensou no telefone como última chance (de quê?), sem no entanto saber direito a quem ligar. Quando enfim decidiu-se por um destes números de emergência, foi sem surpresa e com terror crescente que escutou os sinais longos e agônicos de um aparelho sem nada a responder.

Ninguém. Medo.

Vou para casa, decidi, apavorado e só. Me escondo embaixo da cama até esse pesadelo acabar.

Mas, quando foi sair, a porta do escritório já estava trancada por fora.

NA CASA DO ESPANTO

Luciane Maria Wagner Raupp

Na casa do espanto,
Um fantasma em cada canto.
Na cortina esfarrapada,
Uma aranha pendurada!

Enfeitando o quarto de dormir,
Há um esqueleto a sorrir.
Na cama toda empoeirada,
Uma múmia está deitada.

No banheiro, há uma pia rachada
Toda cheia de sapos – que coaxada!
Dentro da banheira centenária,
Banha-se uma serpente sanguinária.

Reúnem-se na sala de jantar
Vampiros terríveis a confabular:
De quem será o próximo pescoço mordido?
O meu não! Levo alho bem fedido!

Na cozinha, uma bruxa malvada
Prepara uma maçã bem envenenada.
É só o que ela sabe fazer:
Feias e belas a adormecer.

Frankstein lê na sala de visitas.
Esse escuro todo faz mal para as vistas!
Eta monstro descuidado para valer!
Mas eu não vou com ele me meter!

A Cuca invadiu o porão.
Trouxe consigo o Bicho-Papão!
Esses dois não são de nada:
Só sabem fazer trapalhada!

O Velho do Saco está no telhado
Com a chuva, ficou todo molhado!
Tomara que pegue um baita resfriado,
Para deixar de ser tão malvado!

Dessa casa, gosto mesmo é da saída!
Nunca mais por mim será invadida.
Esses monstros não são grande perigo,
Mas não sou louco de testar isso comigo!

